

Revista
ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v10.n2.008

Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional**ISRAEL E A IGREJA: A RELAÇÃO ENTRE O POVO DE DEUS DO ANTIGO
TESTAMENTO E O REBANHO DE CRISTO DO NOVO TESTAMENTO***Israel and the Church: The Relationship Between the People of God of the Old
Testament and the Flock of Christ of the New Testament*Renato Goes Damasceno¹**RESUMO**

O presente artigo analisa a relação bíblico-teológica entre Israel, denominado povo de Deus no Antigo Testamento, e a Igreja, constituída pelo rebanho de Cristo no Novo Testamento. Mediante uma abordagem exegética e hermenêutica, examina o conceito, a formação e a missão de ambos, destacando suas particularidades e os elementos de continuidade entre eles. Israel foi formado por iniciativa divina, mediante a aliança estabelecida com Abraão e sua descendência, com a missão de ser reino de sacerdotes e nação santa, testemunhando às demais nações o caráter e o poder de Deus. De modo semelhante, a Igreja é formada pelo chamado de Cristo, reunindo pessoas que creem nele independentemente de sua origem étnica ou geográfica, e recebe a missão de proclamar as virtudes de Deus e testemunhar o evangelho a todos os povos. A análise de textos como Êxodo 19.5-6, 1 Pedro 2.9-10 e Romanos 11 evidencia tanto diferenças contextuais quanto correspondências significativas entre Israel e a Igreja. Conclui-se que a relação entre ambos não deve ser compreendida como substituição, correção ou atualização de Israel pela Igreja, mas como continuidade e ampliação do propósito divino de revelar seu amor e poder às nações por meio de seu povo, em diferentes contextos da história da redenção.

Palavras-chave: Israel. Igreja. Povo de Deus. Aliança. Missão divina.

¹ O autor é graduado em Teologia pela FTBB – Faculdade Teológica Batista de Brasília, pós-graduado em Teologia e Interpretação Bíblica pela FABAPAR e mestrando em Teologia pela FABAPAR. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-1516-1179>. E-mail: regodam@hotmail.com

ABSTRACT

This article examines the biblical and theological relationship between Israel, designated as the people of God in the Old Testament, and the Church, constituted as the flock of Christ in the New Testament. Through an exegetical and hermeneutical approach, it explores the concept, formation, and mission of both, highlighting their distinctive characteristics and the elements of continuity between them. Israel was formed by divine initiative through the covenant established with Abraham and his descendants, with the mission of being a kingdom of priests and a holy nation, bearing witness to God's character and power before the other nations. Similarly, the Church is formed through Christ's calling, bringing together people who believe in him regardless of their ethnic or geographical origins, and is commissioned to proclaim God's excellencies and bear witness to the gospel among all peoples. The analysis of passages such as Exodus 19:5–6, 1 Peter 2:9–10, and Romans 11 reveals both contextual differences and significant correspondences between Israel and the Church. The article concludes that their relationship should not be understood in terms of the replacement, correction, or updating of Israel by the Church, but rather as the continuity and expansion of God's purpose to reveal his love and power to the nations through his people in different contexts throughout redemptive history.

Keywords: Israel. Church. People of God. Covenant. Divine Mission.

INTRODUÇÃO

Muito se discute sobre o tipo de análise que se pode fazer associando o povo de Israel, descrito no Antigo Testamento, e a Igreja destacada no Novo Testamento. Existe alguma relação que se possa estabelecer, à luz da Bíblia, entre Israel e a Igreja? Se existe, qual tipo e qual nível dessa relação? Existe algum nível de atualização, alguma espécie de correção ou até mesmo algum tipo de substituição?

Em muitos casos, tanto o método de análise como as conclusões obtidas são tema de debates, quando não embates; certos posicionamentos visam estabelecer hierarquia ou graus de importância, santidade e até preferência por parte de Deus. Tudo isso causa, em várias oportunidades, celeumas desnecessárias.

Além disso, surgem também interpretações e aplicações tão discrepantes com o texto bíblico que não se pode chamá-las de outra coisa, senão de heresia. O tema, tão precioso e rico em ensino ainda hoje torna-se terreno minado e evitado por muitos, que preferem não arriscar estabelecer nenhum tipo de correlação, pelo receio de ofender diferentes polos de interpretação e compreensão acerca do papel de Israel e da Igreja.

Para evitar desgastes, o mais correto é analisar biblicamente cada uma das partes desse precioso binômio, para à luz disto, buscar estabelecer, se possível, a correta relação entre eles. É imprescindível uma análise de elementos exegéticos e hermenêuticos em separado para Israel e para a Igreja. Para cada um, devem ser analisados biblicamente aspectos como a conceituação a partir dos termos bíblicos originais, o contexto original de formação e o chamado específico, tanto para Israel como para a Igreja. Somente após essa análise, as conclusões teológicas serão razoavelmente seguras e biblicamente aplicáveis. A partir do resultado dessa análise, poderá ser definido qual tipo ou nível de relação pode ser

estabelecida entre Israel, o chamado “Povo de Deus” do Antigo Testamento, e a Igreja, o rebanho de Cristo do Novo Testamento.

1. O POVO CHAMADO POR DEUS NO ANTIGO TESTAMENTO

A compreensão do povo de Deus no Antigo Testamento envolve considerar a iniciativa de Yahweh em constituir para si um povo, estabelecer com ele uma aliança e confiar-lhe uma missão diante das demais nações. Israel, descendência de Abraão, foi formado a partir de uma promessa divina e chamado a viver em relacionamento de obediência, dependência, confiança e adoração exclusiva a Yahweh. Essa identidade, portanto, não se restringe à origem étnica ou à constituição de uma nação, mas está vinculada ao propósito divino para o qual o povo foi chamado: viver como propriedade peculiar de Deus, como nação santa e reino de sacerdotes, testemunhando diante dos outros povos o caráter e a vontade do Senhor. Nesse sentido, esta seção aborda o significado da expressão “povo de Deus”, o processo de formação de Israel e a missão que lhe foi confiada no contexto da aliança.

1.1 O conceito de “povo de Deus”

Vários povos são mencionados no Antigo Testamento, porém um deles tem papel destacado, sendo chamado muitas vezes como “povo de Deus”. Trata-se do povo de Israel, descendência de Abrão, conforme promessa do Deus Yahweh que se encontra em Gênesis 12.1-2: “Ora, disse o Senhor a Abrão: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei; de ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção!”

A expressão “povo de Deus” não se refere à posse ou autoridade, nem se resume meramente aos aspectos geográfico ou genealógico; embora a expressão se refira a um povo específico, a ênfase não está na geografia ou etnia, mas na aliança que Yahweh propôs de forma especial a esse povo, conforme as palavras do próprio Yahweh ao chamar Moisés para liderar Israel, cativo no Egito:

Portanto, dize aos filhos de Israel: eu sou o Senhor, e vos tirei de debaixo das cargas do Egito, e vos livrarei da sua servidão, e vos resgatarei com braço estendido e com grandes manifestações de julgamento. Tomar-vos-ei por meu povo e serei vosso Deus... (Êx 6.6-7).

Israel não é chamado “povo de Deus” no Antigo Testamento apenas por uma questão de posse ou autoridade, mas principalmente, conforme destaca Champlin, para contrastá-lo das demais nações e povos – os chamados povos gentios.²

Dessa forma, embora Yahweh detenha soberana autoridade e pleno poder sobre todos os povos e nações da Terra, Israel é o povo chamado para uma aliança com aquele que é conhecido também como “Deus de Israel”, conforme mencionado em Isaías 37.16. Trata-se de um povo que não foi aleatoriamente escolhido, mas intencionalmente originado, milagrosamente gerado e solenemente chamado para um relacionamento de obediência,

² CHAMPLIN, Russell N.; BENTES, João M. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. 3.ed. São Paulo: Candeia, 1995, vol. 5, p. 346.

dependência, confiança e adoração exclusiva a Yahweh: “Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor” (Dt 6.4). Essa aliança solene não só evidencia como também justifica o caráter formativo especial e intencional – por parte de Yahweh – de Israel como povo de Deus.

1.2 A formação do povo de Deus no Antigo Testamento

O inegável diferencial do chamado “Povo de Deus” no Antigo Testamento é evidente já em sua formação, quando Yahweh decidiu não escolher, mas formar para si um povo que seria exclusivamente consagrado a ele. Yahweh forma para si um povo a partir do chamado pessoal a Abrão:

Ora, disse o Senhor a Abrão: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei; de ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção! Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; em ti serão benditas todas as famílias da terra (Gn 12.1-3).

A partir do chamado pessoal a Abrão, confirmado a Isaque e depois a Jacó, de quem vieram as doze tribos que formaram o povo de Israel, Yahweh formou para si um povo solenemente chamado para amá-lo de todo coração, bem como prostar-se e adorar somente a ele e a nenhum outro: “Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força.” (Dt 6.4-5).

Mais que divinamente formado, o povo de Israel também é chamado por Yahweh. A ideia de chamado é reforçada pelo termo hebraico *qāhāl*, que “frequentemente se refere à assembleia do povo de Deus [...] e significa uma multidão ou grupo que se reúne especialmente para propósitos religiosos”.³

Israel foi então formado em torno de um chamado: primeiramente de forma pessoal a Abrão, cuja descendência deu origem às tribos de Israel, e posteriormente em relação a todo o povo de Israel, chamado para amar e adorar somente a Yahweh, dando não só prioridade, mas exclusividade na submissão e adoração: “Se Yahweh é um, a devoção de Israel para com ele tinha de ser caracterizada por singeleza de propósito, lealdade indivisa, uma concentração única. Pois, se a devoção tem de ser concentrada totalmente num só objeto, segue-se daí que tem de ser absoluta”.⁴ A ideia de um povo especialmente formado e chamado é importante, pois caracteriza não só o caráter especial e intencional de sua formação, mas também sua missão.

1.3 A missão do povo de Deus no Antigo Testamento

O Antigo Testamento mostra não apenas a formação de Israel, mas também evidencia a natureza do chamado do povo de Deus, ou seja, a missão conferida por Yahweh ao seu povo,

³ FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia sistemática**: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 946.

⁴ WATTS, John D. W. **Comentário bíblico Broadman**. Editado por Clifton J. Allen. Tradução de Arthur Anthony Boorne. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1994, vol. 2, p. 255.

conforme o texto que precede a entrega das tábuas da Lei a Moisés, quando o povo recém-liberto se encontrava no Sinai:

Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então, sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos; porque toda a terra é minha; vós me sereis reino de sacerdotes e nação santa (Êx 19.5-6).

A formação de Israel como povo não demonstrava somente uma possível predileção de Yahweh por uma determinada etnia; o desejo de Yahweh fica evidente desde o princípio: Israel foi formado para ser uma nação sacerdotal, levando os outros povos a conhecer e obedecer ao Eterno e Único Deus. Segundo Waltke, Israel foi chamado para obedecer a Yahweh a ponto de transformar-se em um reino de sacerdotes para as nações; como povo separado, Israel tinha a missão de ser o intermediário da bênção divina.⁵

Para tanto, era necessário que o povo de Deus exercesse sua condição de povo separado e consagrado a Yahweh, pela observância de seus mandamentos e total separação das práticas religiosas das nações vizinhas. Wiersbe destaca que essa separação seria demonstrada em todas as áreas da vida comum, não apenas em momentos meramente cúlticos ou ritualísticos: “em cada área da vida, as atividades de Israel deviam ser governadas pelo fato de que pertenciam a Deus”.⁶

Ser um povo sacerdotal exigia de Israel uma postura ímpar, diferenciada dos outros povos: era preciso observar a aliança divinamente proposta. “Deus lhes diz, claramente, o que esperava e exigia deles. Em uma única palavra, obediência, que eles obedecessem verdadeiramente à sua voz, e mantivessem o seu concerto”.⁷

Fica evidente o desejo divino de que Israel apontasse o caminho às nações para o contato com o Deus de Israel, e isso seria feito com base na sincera obediência aos mandamentos de Yahweh, na santificação das práticas comuns da vida diária e do consequente testemunho transmitido aos povos vizinhos.

2. A IGREJA CHAMADA POR CRISTO NO NOVO TESTAMENTO

O Novo Testamento apresenta a Igreja como a coletividade daqueles que creem em Jesus Cristo e o reconhecem como Senhor e Salvador. Sua identidade, formação e missão estão relacionadas à iniciativa divina de reunir para si um povo que não se define por critérios étnicos, geográficos ou hereditários, mas pela fé em Cristo. Assim como Israel foi formado e chamado por Yahweh para viver em aliança com ele e testemunhar diante das nações, a Igreja é constituída por pessoas de diferentes povos e nações, chamadas a viver em obediência a Cristo e a proclamar as virtudes daquele que as chamou das trevas para a sua maravilhosa luz.

⁵ WALTKE, Bruce. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Marcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 459.

⁶ WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**. Antigo Testamento. Santo André: Geográfica, 2007, vol. 1, p. 287.

⁷ HENRY, Matthew. **Comentário bíblico do Antigo Testamento**. Gênesis a Deuteronômio. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 289.

Nesse sentido, esta seção aborda o conceito de Igreja no Novo Testamento, os aspectos relacionados à sua formação e a missão que lhe foi confiada por Cristo.

2.1 O conceito de “igreja”

Embora muitos entendam que o termo igreja se refira a um local sagrado, uma construção para reuniões e celebrações espirituais, ou ainda uma instituição com fins religiosos, a ideia principal é a coletividade, o ajuntamento específico de pessoas. As especificidades desse ajuntamento precisam ser observadas à luz da Bíblia, especialmente do texto neotestamentário, onde o termo é empregado.

A primeira ocorrência do termo igreja na Bíblia ocorre nas palavras do próprio Cristo, narradas assim pelo evangelista Mateus: “Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16.18). No idioma original, é usado o termo grego ἐκκλησία (*ekklēsia*), que etimologicamente se refere a um “chamado para fora”. O termo não se restringe ao contexto bíblico, mas também era empregado em relação às convocações do povo em geral, para reuniões e assembléias a fim de tratar sobre assuntos civis ou de interesse geral. O povo era literalmente chamado para fora de suas casas, devendo reunir-se para então tratar sobre temas diversos.

No contexto do Novo Testamento, o termo é empregado, seja nos Evangelhos ou nas Cartas, sempre referindo-se ao ajuntamento dos que crêem em Jesus como Filho de Deus e o recebem como Senhor e Salvador. Nesse sentido, vemos a igreja sendo mencionada tanto de maneira geral, referente à igreja universal (Mt 16.18; 1Co 12.28; Gl 1.13; Ef 1.22; 3.10; Hb 12.23) como também de maneira específica, referindo-se ao ajuntamento de crentes em Cristo em determinados locais (At 8.1; 11.22; 11.26; 13.1; 1Co 1.2; 2Co 1.1; Gl 1.2, etc).

O termo igreja se refere, de maneira geral ou específica, aos que crêem em Jesus – sem restrições geográficas nem étnicas. Interessante que nas mais de cem ocorrências do termo no Novo Testamento, apenas duas são proferidas por Jesus aos seus discípulos (Mt 16.18 e 18.17): as outras estão nos demais livros neotestamentários, grande parte nas cartas de Paulo aos gentios – ou seja, aos não judeus – evidenciando que o conceito de igreja não se restringe aos descendentes das tribos de Israel, mas tem abrangência muito maior, universal: tanto em Jerusalém e na Judéia, como em Samaria e até os confins da terra (At 1.8).

2.2 A formação da igreja no Novo Testamento

Tal qual Israel que, como “Povo de Deus” tem uma formação especial e intencional no Antigo Testamento, também a Igreja no Novo Testamento tem aspectos especiais e intencionais no contexto e propósito de sua formação. Assim como há um chamado específico de Yahweh para um povo que ele mesmo decidiu formar para si, também a Igreja é formada a partir de um chamado, conforme o relato de João logo no início de seu Evangelho: “Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus” (Jo 1.12-13).

Cristo forma sua Igreja a partir de um chamado que precisa ser aceito, a saber, por aqueles que creem nele como Filho de Deus e como cumprimento de toda promessa messiânica da Lei de Moisés e dos Profetas do Antigo Testamento. Reconhecer e receber a Cristo como Filho de Deus determina o ingresso na Igreja, o que se dá de maneira independente de critérios geográficos, de linhagem e hereditariedade. Trata-se de um chamado amplo, que se refere à uma abrangência sem fronteiras. “Todos quantos o receberam”, conforme João escreveu, não admite predileções nem exceções: aos que recebem, aceitam e confessam Jesus como Filho de Deus, Senhor e Salvador, a estes é concedida graciosamente a entrada no ajuntamento chamado Igreja.

O apóstolo Paulo defende em várias oportunidades o aspecto universal da Igreja chamada por Cristo, abrangendo não apenas judeus praticantes da Lei, mas também gentios que abandonam suas práticas religiosas e passam a seguir a doutrina do Filho de Deus: “Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3.28).

Se anteriormente havia critérios geográficos e hereditários para determinar quem fazia parte do Povo de Deus, critérios esses que precisavam ser confirmados pela sincera e plena obediência a Yahweh, agora o ingresso na coletividade da Igreja chamada por Cristo se dá pela manifestação da fé em Jesus como Filho de Deus, fé esta que também precisa ser confirmada pela obediência à divina doutrina.

2.3 A missão da igreja no Novo Testamento

A formação da coletividade da Igreja ocorre de forma intencional, pois Cristo deixou bastante claro seu desejo de que aqueles que nele creem cumpram uma missão ao afirmar durante o célebre Sermão do Monte: “Vós sois o sal da terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte.” A missão de ser diferente e fazer a diferença é inegável a todos os discípulos de Cristo.

Ao ilustrar que o sal precisa salgar ou será absolutamente inútil, e que a luz não pode ser escondida nem abafada, Cristo afirmou que a Igreja é caracterizada não apenas por sua formação, mas também pelo cumprimento de sua missão. A importância da missão da Igreja também é confirmada pelo apóstolo Pedro:

Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz; vós, sim, que, antes, não éreis povo, mas, agora, sois povo de Deus, que não tínheis alcançado misericórdia, mas, agora, alcançastes misericórdia (1Pe 2.9-10).

O chamado de Cristo à coletividade da Igreja não visava apenas formar uma comunidade selecionada ou até elitizada em algum sentido, mas foi dada a esse ajuntamento uma missão: a Igreja foi chamada para tornar-se um “sacerdócio real”, expressão utilizada pelo apóstolo Pedro, um judeu que certamente tinha em mente a missão divinamente conferida a Israel por Yahweh em Êxodo 19.5-6. Tal qual o povo de Israel precisava confirmar seu sacerdócio às

nações, dando testemunho do poder e majestade de Yahweh por meio de seu testemunho em obediência aos mandamentos, também a Igreja é chamada para testemunhar, servindo assim como povo sacerdotal que encaminha todos os povos a Cristo.

A missão da Igreja, portanto, não consiste em ser um ajuntamento de chamados apenas. A coletividade dos que entendem que Jesus os livrou da eternidade afastados do Criador, e que o sacrifício e ressurreição de Jesus lhes concedeu essa incomparável bênção, entendem também que essa dádiva precisa ser evidenciada na obediência e proclamada pelo testemunho a todos: “o privilégio cristão é exercido sempre em serviço”.⁸

3. RELAÇÕES ENTRE ISRAEL E A IGREJA

A análise do chamado específico, da formação e da missão de Israel no contexto do Antigo Testamento certamente traz à mente vários aspectos e características da Igreja no contexto do Novo Testamento; de igual forma, a observação do chamado, formação e missão da Igreja também faz lembrar o povo de Israel no Antigo Testamento. Esse fato leva muitos a estabelecer comparações entre Israel como povo de Deus e a Igreja como rebanho de Cristo.

Nem sempre as comparações são precisas; por vezes sérias injustiças são cometidas nessa correlação que para alguns consiste numa atualização, correção e até mesmo substituição. É preciso responder se existe alguma relação que se possa estabelecer, à luz da Bíblia, entre Israel e a Igreja. Caso exista, é preciso então definir qual tipo e qual nível dessa relação: se há algum nível de atualização, alguma espécie de correção ou até mesmo algum tipo de substituição.

Um primeiro passo sensato e biblicamente responsável para análise do tema poderia ser a observação de dois textos bíblicos importantes e consideravelmente conhecidos que ensinam, cada um no seu próprio contexto, sobre o propósito divino tanto para Israel no Antigo Testamento como para a Igreja no Novo Testamento.

Ao avaliar o texto de Êxodo 19.5-6, que evidencia a missão divinamente concedida ao povo de Israel, nota-se a expressão “reino de sacerdotes”, que demonstra o desejo de Deus para que Israel desse testemunho às nações acerca do amor, poder e fidelidade de Deus. É bem semelhante ao que se encontra em 1 Pedro 2.9-10, quando a expressão “sacerdócio real” é empregada. Ao invés de mera comparação, certamente é possível buscar uma correlação entre esses textos. Assim afirma Henry sobre essa correlação:

Alguns comentaristas observaram, muito adequadamente, que se diz que a igreja do Antigo Testamento foi sustentada por asas de águias, indicando o poder daquela dispensação, que foi realizada com mão forte e com braço estendido. Mas sobre a igreja do Novo Testamento, diz-se que é ajuntada pelo nosso Senhor Jesus, como uma galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas (Mt 23.37), indicando a graça e a compaixão dessa dispensação, e a admirável condescendência e humilhação do Redentor.⁹

⁸ DAVIDSON, F. (Edit.). **O novo comentário da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1985, vol. 2, p. 1408.

⁹ HENRY, 2017, p. 289.

Não parece razoável afirmar que não haja nenhum tipo de relação entre Israel e a Igreja. O desafio é estabelecer que tipo de relação a Bíblia permite estabelecer nesse caso. Henry demonstra ser favorável à afirmação de que tanto Israel como também a Igreja são sustentados por Deus, embora os contextos sejam diferentes.

Vale lembrar que Paulo também mostrou existir correlação entre o Povo de Deus e a Igreja de Cristo, escrevendo aos cristãos de Roma e usando a ilustração do enxerto de ramos (referindo-se aos gentios) na raiz da videira (referindo-se aos judeus) no capítulo 11 de sua carta. Sobre uma hipotética substituição de Israel pela Igreja, Stern assim comenta, baseado em Romanos 11.13-32: “Curiosamente, grande parte da igreja cristã ao longo dos séculos (e sem excluir hoje) conseguiu acreditar nessa mentira da teologia da substituição que ela mesma inventou...”¹⁰ Ainda sobre essa hipótese da substituição, Stern defende tratar-se de uma invenção de teólogos que chamam a Igreja de “Nova Israel”, expressão que não se encontra no Antigo nem no Novo Testamento.

Analizando paralelos e contrastes entre Israel e a Igreja, Bledsoe destaca que há várias similaridades de papéis, propósitos e prescrições entre Israel e a Igreja, assim como diferenças em muitos aspectos, mas afirma: “Claramente tudo se desdobrou de acordo com o plano de Deus em Cristo Jesus, já que ele é a “luz para revelação aos gentios e para a glória de Israel, teu povo” (cf Lc 2.32).¹¹ Dessa forma, Bledsoe parece sugerir a ideia não de substituição nem atualização, mas de um desdobramento já planejado por Deus desde o princípio, quando conferiu ao povo de Israel uma missão (cf Êx 19.5-6) bastante semelhante à missão conferida também à Igreja em 1 Pedro 2.9-10.

Nota-se, portanto, que há diferenças contextuais evidentes entre o povo de Israel e o ajuntamento da Igreja, porém são grandes as dificuldades para fundamentar biblicamente as ideias de atualização, correção ou substituição. A continuidade da missão de testemunhar o amor e poder de Deus às nações certamente leva a pensar num desdobramento previamente planejado, como sugere Bledsoe, ou ainda numa expansão e ampliação do propósito divino de revelar-se ao mundo por meio do seu povo – tanto Israel como depois com a Igreja.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma reflexão séria e atenta sobre a formação e a missão de Israel como Povo de Deus nas páginas do Antigo Testamento, e também sobre o chamado de Cristo à sua Igreja no contexto do Novo Testamento, certamente vai chamar atenção para várias semelhanças, assim como muitas diferenças.

Porém, essa reflexão precisa ser feita de forma sensata e acima de tudo bíblica: as ponderações e conclusões muitas vezes demonstram pouco (ou até nenhum) critério na análise exegética e na hermenêutica dos textos bíblicos que evidenciam os propósitos divinos para formar e comissionar Israel e a Igreja.

¹⁰ STERN, David H. **Comentário Judaico do Novo Testamento**. Tradução de Regina Aranha. Belo Horizonte: Atos, 2008, p. 434.

¹¹ BLEDSOE, David A. **Igreja regenerada: uma eclesiologia bíblica, histórica e contemporânea**. São José dos Campos: Fiel, 2022, p. 68.

Entender a relação existente entre o Povo de Deus e a Igreja de Cristo é bem mais do que um simples encaixe de conceitos similares, ou mera (e equivocada) substituição de coletividades divinamente comissionadas. Para entender a correlação entre Israel e a Igreja, é preciso se dispor a avaliar o contexto bíblico por inteiro, haja vista a missão da Igreja no Novo Testamento ser descrita com termos que intencionalmente remetem ao comissionamento de Israel no Antigo Testamento.

Diz muito o fato da missão concedida por Yahweh a Israel ser mantida no texto neotestamentário, porém com abrangência ampliada, para além das fronteiras da Judéia, englobando gente de todas as tribos, povos e raças, desde que haja a confissão e o recebimento verdadeiro de Jesus, o Filho de Deus. O desejo de Deus em proclamar, por meio de seu povo, seu amor e seu poder a todos os povos perdura ao longo de todo o relato bíblico; a redenção oferecida por Yahweh ao seu povo permanece vigente, porém ampliado a todos que aceitem fazer parte do ajuntamento chamado Igreja. O interesse de Deus para além de um povo específico já era demonstrado no Antigo Testamento, e se torna inegável nas páginas do Novo Testamento por meio da Igreja de Cristo.

Não cabe então, à luz da Palavra de Deus, a ideia de substituição do Israel chamado por Yahweh pela Igreja chamada por Cristo: antes, o que fica mais claro é a continuidade do propósito de Deus, primeiramente desempenhado pelo povo de Israel, formado a partir de um chamado de fé e obediência, e posteriormente por meio da Igreja, chamada não só para anunciar Jesus, mas seguir, também com fé e obediência, sua doutrina e seus mandamentos.

REFERÊNCIAS

BLEDSON, David A. **Igreja regenerada**: uma eclesiologia bíblica, histórica e contemporânea. São José dos Campos: Fiel, 2022.

CHAMPLIN, Russell N.; BENTES, João M. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. 3.ed. São Paulo: Candeia, 1995. Vol. 5.

DAVIDSON, F. (Edit.). **O novo comentário da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1985. Vol. 2.

FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia sistemática**: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007.

HENRY, Matthew. **Comentário bíblico do Antigo Testamento**. Gênesis a Deuteronômio. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

STERN, David H. **Comentário Judaico do Novo Testamento**. Tradução de Regina Aranha. Belo Horizonte: Atos, 2008.

WALTKE, Bruce. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Marcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2015.

WATTS, John D. W. **Comentário bíblico Broadman**. Editado por Clifton J. Allen. Tradução de Arthur Anthony Boorne. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1994. Vol. 2.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**. Antigo Testamento. Vol. 1. Santo André: Geográfica, 2007.